

# A Verdade em João Paulo II

*José Costa Matos*

Estes fatos estão na história pouco anterior a Jesus Cristo. Antes de ser coroado rei do Ponto, na Ásia Menor, Mitridates VI passou parte da sua juventude habituando o próprio organismo ao consumo de ervas venenosas. Conhecia as conspirações da corte e, gradativamente, adquiria imunidade contra envenenamentos.

Esta imunização se chamou mitridatismo, derivação do nome daquele rei do Ponto. Sem repetir a consciência do projeto de Mitridates, o povo brasileiro vive fenômeno semelhante: habitua-se aos envenenamentos da mentira. Como se mente neste País!

Habituação inconsciente, para as multidões. Porque o pensamento crítico está quase sem ensino até nas universidades. E, sabem todos, ele é atacado de paralisia diante da televisão. Assim, tal envenenamento fica camuflado na torrente de informações do cotidiano. E até parece sem conseqüências graves. Mas ele traz um desmanchamento da consciência nacional.

Esse estrago, silencioso no seu avanço, é estrondoso nos seus resultados. Um povo que caminhava nas ruas, a desoras, hoje escuta noticiários apavorantes sobre crimes e fraudes, causas das fraquezas da esperança e dos medos de sair de casa. Alguém, ignorante das causas e da lógica do mundo espiritual, pode aparecer aqui para dizer:

- Isso não tem nada a ver...

Tem. Isso tem tudo a ver, porque, para vivermos a natureza humana (que foi absurdamente negada por Sartre), dependemos da verdade. Lá está no Evangelho de João: "A verdade vos libertará", (João, 8, 32).

Habituaado a mentiras e meias verdades, o Brasil sofre uma falta de certezas. Convém aqui lembrar Roman Jakobson, o teorizador das funções da linguagem. Destas funções, a mais forte é a emotiva, aquela em que o comunicador é, ele próprio, o assunto maior de sua comunicação.

Pela falta atual de certezas pessoais, é fácil observar como entrevistados do rádio e da televisão batem, a todo instante, na repetição destas frases: "Com certeza", "Não tenha a menor dúvida", "Com certeza"... É a "função emotiva" de Roman Jakobson, no socorro de pessoas pesadas de incertezas sobre elas próprias.

Os seres humanos precisam de verdades. Sem essa exigência de certezas, não haveria ciência. Onde a ciência pára, começa a viagem da fé. Temos fé no transeunte a quem indagamos sobre a rua de nossa procura. Temos fé no restaurante que oferece comida feita por cozinheiros desconhecidos e até invisíveis...

Sim. Temos contradições: muitos negam fé ao Autor das maravilhas evidentes no universo. Mas André Gide esquece o seu ateísmo e liberta este deslumbramento da fé: “Foi por nós, Senhor, que fizeste a noite tão profunda e tão bela? Foi por mim? O ar está quieto. Pela minha janela aberta, a lua entra. E eu escuto o silêncio imenso dos céus!”

Nas máquinas de mentir, alguns profissionais de alta competência comunicativa são, por vezes, envolvidos na produção da mentiralhada que confunde a percepção dos transvios do País. Eles devem ter consciência de que serão também perdedores, na velocidade das voltas que o mundo dá. É mentira também o silêncio irmão da inveja, aquele que procura esconder pessoas ou ações bastante fortes para ajudar na iluminação deste planeta, ameaçado de afundar na treva.

O mitridatismo brasileiro (ou a habituação aos venenos da mentira) produz dois resultados contraditórios. Por um lado, paralisa as vontades. Por outro, ativa uma fé sem medo de conflitos. Pensemos na valentia do Shalom e de outros movimentos cristãos.

Primeiro resultado. Houve uma descrença na validade da ordem jurídica. Os governantes insistiam na pregação de que “não há direitos adquiridos, mas apenas abusos adquiridos.” Alguns setores da sociedade aceitaram essa cavilação: divulgava-se que o governo comandava um “rolo compressor” no Congresso Nacional, em meio ao fumaceiro das queimações da Constituição. Este sono do povo durou. Mas está passando.

Segundo resultado. Há um cansaço da mentira. Movimentos altamente dinâmicos representam uma busca de Deus como última instância da esperança.

Há uma lógica de Deus e um tempo de Deus, nem sempre coincidentes com a lógica e o tempo dos homens e das mulheres. Como homem da verdade, o Papa João Paulo II sentiu o medo e a violência na vida dos brasileiros. Mas não disse que o Brasil precisa de mais soldados, de mais cadeias, de mais leis, de mais rigor nas decisões dos juízes. Do alto da lógica de Deus e do tempo de Deus, acima da percepção da sociedade que tanto discute a problemática nacional, o Papa João Paulo II afirmou esta surpresa:

- O Brasil precisa de santos.